

1.º SEMINÁRIO SOBRE O RACISMO E O APARTHEID NA ÁFRICA AUSTRAL

O 1.º Seminário sobre o Racismo e o Apartheid na África Austral foi realizado no Rio de Janeiro, de 26 a 30 de maio de 1980, promovido pelo Instituto de Países em Desenvolvimento, pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos — CEAA do Conjunto Universitário Cândido Mendes, pela Casa do Brasil da Fundação Léopold S. Senghor e pelo IPCN — Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, com a colaboração do Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil.

Compareceram ao Seminário membros das Nações Unidas, embaixadores, representantes diplomáticos, professores, jornalistas e um público de cerca de duas centenas de pessoas.

A sessão de abertura foi presidida pelo Prof. Amílcar Alencastre, Presidente da Comissão Organizadora do Seminário; as três missões de trabalho foram dirigidas, respectivamente, por S. E. Vishnu Wassiamal, Embaixador de Gana no Brasil, pela Diplomata Nken Wadibia, Representante do Comitê Especial das Nações Unidas contra o Apartheid, e por S. E. Timothy Mgbokwere, Embaixador da Nigéria no Brasil; a sessão de encerramento, pelo Diplomata J. Dramon, Enviado Especial do Ministro da Cultura da República da Guiné, ele também membro, na ONU, do Comitê Especial contra o Apartheid.

Foram apresentadas e discutidas as seguintes comunicações, por ordem de apresentação: "O racismo na África Austral: aspectos históricos", por José Maria Nunes Pereira, do CEAA; "O imperativo da independência da Namíbia", por Maria Helena de Oliveira Barbosa, do CEAA; "Mulatos e indianos discriminados no apartheid", por Aquino Furtado; "A África do Sul e a na", por Evaldo Diniz, do jornal *O Globo*; "Organismo não governamental na luta contra o apartheid", por Judite Rosário, do CEAA; "A militarização da África do Sul", por J. Monserrat Filho, de *A Tribuna da Imprensa*; "As pretensões de aliança do governo de Pretória com a América Latina", por Amílcar Alencastre, do Iped e "O

Brasil e o *apartheid*", por Amauri Pereira, da Sinba. Ms. Nken Wadibia fez, na sessão de abertura, um pronunciamento oficial do seu Comitê sobre a realidade do *apartheid* e os embaixadores africanos explicaram a posição dos seus países em relação ao *apartheid* e ao racismo.

Foram lidas mensagens de apoio ao Seminário enviadas por Suas Excelências: O Secretário Geral da Organização de Unidade Africana — OUA, Ministros das Relações Exteriores da Tanzânia e da Zâmbia, do Primeiro-Ministro da Guiana e de Sam Nujoma, Secretário Geral da SWAPO, movimento de libertação reconhecido pela ONU e OUA como único representante legítimo do povo da Namíbia. O Embaixador Marcos Azambuja, Chefe do Departamento de África, Ásia e Oceania do Ministério das Relações Exteriores do Brasil enviou mensagem de congratulações pela realização do Seminário.

As conclusões do Seminário, já publicadas no Diário Oficial do Congresso Nacional, em 19 de junho de 1980, foram as seguintes:

1. Os participantes do Seminário condenaram com toda veemência o sistema do *apartheid* na República Sul-Africana, como um crime contra a civilização, praticado por um regime marginal da sociedade humana. Este odioso sistema exclui todos os direitos civis de 84% da população formada de negros, mulatos e asiáticos. Toda pessoa honesta e com bom senso de justiça tem o dever de protestar de todas as formas ao seu alcance contra esta ofensa à dignidade humana.

2. Considerando a necessidade de fortalecer e ampliar o isolamento internacional do governo racista sul-africano, os participantes do Seminário protestaram contra os governos que, embora retoricamente declararam apoiar o boicote recomendado pela ONU, favorecem o regime do *apartheid* ao apoiá-lo, de forma direta ou indireta, política, econômica e/ou militarmente.

3. Condenaram as empresas multinacionais que vêm intensificando sua ajuda eco-

nômica e financeira à República Sul-Africana e anunciaram, para breve, a divulgação de uma lista dessas empresas, entre as quais se encontram algumas brasileiras.

4. Reprovaram a política dos governos dos Estados Unidos, França, Alemanha Federal, Israel e Inglaterra, que, por vias diretas ou indiretas, prestam fundamental ajuda militar ao regime racista da África do Sul. Toda e qualquer colaboração no campo nuclear com o governo de Pretória deve cessar imediatamente. Se o Estado do *apartheid* utilizar armas nucleares, as potências ocidentais, particularmente Alemanha Federal e Israel, mais envolvidas nesta questão, também serão responsáveis perante a humanidade.

5. Denunciaram o crescente auxílio político, econômico e militar que Israel presta à África do Sul. O eixo Tel Aviv-Pretória constitui hoje um dos maiores canais de sustentação do regime racista.

6. Exigindo o mais rigoroso cumprimento às determinações da ONU contra a ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul, os participantes do Seminário dirigiram dois apelos ao governo brasileiro: i) no sentido de autorizar a instalação no Brasil de um escritório da SWAPO — movimento nacionalista considerado pela ONU e pela Organização de Unidade Africana como único representante do povo namíbio; ii) no sentido de que conceda bolsas-de-estudo a refugiados namibianos, que, mais cedo ou mais tarde, deverão assumir a direção de seu país. O mesmo apelo também foi feito para beneficiar refugiados sul-africanos.

7. Repudiaram as brutais agressões sul-africanas contra a soberania e integridade territorial de Angola, Moçambique e Zâmbia. Chamaram a atenção da opinião pública para a evidente aliança da Unita, chefiada por Jonas Savimbi, com os racistas da África do Sul, para aterrorizar as populações do Sul de Angola e sabotar sua economia.

8. Reprovaram todo e qualquer projeto de criação do chamado Pacto do Atlântico Sul, advogado pelos governos do Uruguai,

Chile e Paraguai e por setores radicais de outros países do Cone Sul, inclusive o Brasil. Consideraram que o governo brasileiro deve continuar opondo-se a tais projetos, capazes de transformar o Atlântico Sul numa região de confrontos militares. Esta região atlântica pode, sem bases militares estrangeiras, transformar-se num belo exemplo para os outros mares do mundo, como sendo um oceano de paz e colaboração fraternal entre os povos da África e América Latina.

9. Considerando o esforço da comunidade internacional para intensificar a luta contra o racismo e o *apartheid* na África Austral, os participantes do Seminário manifestaram apoio à política atual do go-

verno brasileiro em relação à África do Sul. Ao mesmo tempo, julgaram inadiável que esta política seja, o mais possível, firme e coerente, indo até ao imediato rompimento das relações diplomáticas, econômicas e culturais com o regime segregacionista.

10. Por fim, os participantes do Seminário decidiram que, até a realização do 2.º Seminário — programado para 1981 em São Paulo — a atual Comissão Organizadora do evento se transforme em Comissão Permanente, visando a denunciar e alertar a opinião pública contra os crimes e as manobras políticas da África do Sul para manter o regime do *apartheid*, bem como desenvolver um trabalho no sentido de tornar realidade as recomendações deste Seminário.

1.º ENCONTRO BRASIL-NIGÉRIA

Promovido pela Universidade de São Paulo, realizou-se de 29 a 31 de julho, na sede da Federação do Comércio de São Paulo, o 1.º Encontro Brasil-Nigéria, que reuniu professores, especialistas em assuntos africanos e relações internacionais, dos dois países.

Os temas da agenda do Encontro abrangiam aspectos políticos, econômicos, estratégicos e culturais. *Aspectos políticos*: "Percepção da política externa nigeriana pelos brasileiros" e "Posição dos dois países face ao problema do *apartheid* na África do Sul". *Aspectos econômicos*: "Problemas econômicos da África", "Relações econômicas entre Brasil e Nigéria" e "Necessidade de criação de uma nova ordem econômica internacional e os mecanismos para a sua efetivação". *Aspectos estratégicos*: "A relação das grandes potências com a África", "O papel dos países africanos na política mundial" e "O papel do Brasil na política mundial". *Aspectos culturais*: "Contribuição cultural africana no Brasil e contribuição cultural brasileira na África".

Entre os pontos discutidos tiveram destaque: as relações do Brasil com a África do Sul; a situação sócio-econômica da África em geral e da Nigéria em particular; e a conexão entre a questão racial brasileira e as relações do Brasil com a África. Este último ponto foi levantado sobretudo pela maioria dos participantes brasileiros negros.

A delegação nigeriana era formada pelos professores A. B. Akinyemi, O. C. Eze, R. A. Akindele, U. J. Ogwu, I. Aluko, todos do Nigerian Institute of International Affairs — N.I.I.A.; I. B. M. Haruna e S. Oyovbaire, da Universidade Ahmadu Bello; I. Sagay e F. Soremekun, da Universidade de Ifé; Essien — Udom, da Universidade de Ibadan; e A. Jinadu, da Universidade de Lagos. Acompanharam a delegação nigeriana os jornalistas S. Mocebuh, do *Daily Times* e C. Baiye, do *New Nigerian*.

Fizeram parte da delegação brasileira: José Maria Nunes Pereira, Jacques d'Adesky, Michael Turner, Joel Rufino dos Santos e Paulo Roberto dos Santos, todos do Centro de Estudos Afro-Asiáticos; Lytton